

# O vaso de Pandora? A revelação do homo-erotismo à família<sup>1</sup>

Ana Maria Brandão<sup>2</sup>

## Introdução

Numa sociedade caracterizada pela heteronormatividade e pela paralela estigmatização do homo-erotismo<sup>3</sup>, o reconhecimento do desejo homo-erótico assume, geralmente, a forma de um “momento crítico”, ou “decisivo” (Giddens, 1997: 105-106), uma encruzilhada em que estão em jogo várias coisas. Certos aspectos do mundo e da identidade deixam de ter o carácter estável e inquestionável que até aí assumiam. É um momento em que o risco se intromete na vida quotidiana, em que é preciso tomar decisões sabendo que o curso de acção seguido é irreversível, ou pelo menos que a partir daí é difícil regressar ao ponto de partida (ibidem; Strauss, 2002). A afirmação do próprio homo-erotismo pode ser entendida, neste contexto, como um processo de revelação de material íntimo, envolvendo ansiedade acerca dos seus resultados potenciais e podendo constituir um processo ameaçador para o indivíduo (Wells e Kline, 1998: 192).

Tomando como ponto de partida os resultados de uma investigação de doutoramento incidindo sobre as histórias de vida de um conjunto de mulheres residentes no Norte do país (Brandão, 2007), pretende-se ilustrar aqui os factores em jogo na decisão de proceder, ou não, à revelação do próprio homo-erotismo à família próxima. Apesar de a maioria das mulheres entrevistadas não conseguirem afirmar claramente que a família não tem conhecimento das suas relações homo-eróticas, muito poucas procederam à revelação verbal e aberta do seu carácter aos pais e/ ou aos irmãos. Para além da centralidade afectiva e emocional de que a família se reveste, ela

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada nas XIII Jornadas Nacionais da Associação para o Planeamento da Família, 27 a 29 de Maio de 2010, realizadas na Escola Superior de Saúde de Faro.

<sup>2</sup> Socióloga, Prof. Auxiliar do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. E-mail: [anabrandao@ics.uminho.pt](mailto:anabrandao@ics.uminho.pt).

<sup>3</sup> O conceito de homo-erotismo é derivado de Brooten (1996), pretendendo designar a presença de um acto, desejo ou preferência erótico(a) entre ou por indivíduos do mesmo sexo, respectivamente, exclusivamente ou não, abrangendo subcategorias e contingentes populacionais diversos e independentemente das identidades reclamadas e/ ou atribuídas pelos ou aos indivíduos em causa. Uma vez que nem todas as mulheres entrevistadas se definem como lésbicas, evita-se, deste modo, proceder à imposição de categorizações que possam ser sentidas como estranhas ou alheias.

representa um dos maiores desafios porque a imagem tradicional da família reflecte noções convencionais do género e, portanto, a revelação ameaça as expectativas que lhe estão associadas (Markowe, 1996: 40-41). Além disso, as relações familiares apresentam um teor diferente das relações profissionais ou de amizade não só porque não se escolhe os membros da família, como também porque se espera que elas sejam dotadas pelo menos de alguma intimidade, proximidade e continuidade e estas características levantam dificuldades particulares à não revelação.

### **Da ocultação...**

O homo-erotismo é um estigma invisível (Goffman, 1988). A pessoa que o possui sabe que a sua revelação pode ter um custo elevado do ponto de vista pessoal e social. Mas se uma vez revelado, ele pode levar à desacreditação da pessoa, o facto de ser mantido oculto não elimina o mal-estar interno decorrente quer da constatação da sua situação de desacreditável (ibidem), quer da sensação de fragmentação da conduta e do próprio Eu, que pode traduzir-se em sentimentos de alienação (Tap, s.d.: 205-212). Como os processos de interacção assentam comumente na presunção da heterossexualidade, é necessário decidir se se procede à revelação/ integração do próprio homo-erotismo na relação com os outros ou, inversamente, se se adopta face a estes estratégias de passagem, que podem ir da fabricação ao evitamento (Button, 2004)<sup>4</sup>. Em todo o caso, é forçoso que a pessoa diga ou faça alguma coisa para que os outros (re)conheçam o seu homo-erotismo, visto que o silêncio constitui uma reclamação implícita de heterossexualidade (idem: 472).

Há formas e graus diferentes de não revelação do homo-erotismo, de acordo não só com as disposições individuais, mas também com as situações e os contextos da interacção (Troiden, 1988; Ponse, 1976; Goffman, 1988). A família constitui uma das relações mais problemáticas para as entrevistadas que optam pelo secretismo pela dificuldade de manter uma atitude adequada à preservação do segredo, exigindo cuidados adicionais para evitar suspeitas, e também porque as questões da autenticidade

---

<sup>4</sup> Uma estratégia de fabricação consiste numa estratégia activa de construção de uma identidade heterossexual que é projectada para os outros, ao passo que nas estratégias de evitamento os actores não tentam fabricar uma identidade heterossexual, mas recorrem à monitorização da conduta e a meias-verdades, procurando não revelar informação sobre si próprios que permita levantar suspeitas (Button, 2004).

e da partilha tendem a colocar-se aí de forma mais notória e frequente, na medida em que integram a representação do que devem ser essas relações. Isto significa que, na maioria dos casos, é provável que apenas alguns membros da família – se é que algum – tenham declaradamente conhecimento do seu homo-erotismo.

Apesar de parecer ser mais difícil usar de forma insuspeita o pressuposto da heterossexualidade neste domínio, diversas entrevistadas parecem consegui-lo – nalguns casos, ocultando activamente todos os sinais que possam levantar dúvidas, agindo como “actrizes” (Carolina, 43 anos, EE) e vivendo “uma vida quase dupla” (Adriana, 24 anos, PTE); noutros, sobretudo quando pretendem obter alguma forma de integração das suas relações amorosas no contexto familiar, optando por estratégias indirectas de revelação, i.e., permitindo que alguns indícios possam ser captados pelos familiares. Um exemplo disto é a inclusão da namorada nas audiências familiares, embora a relação surja, geralmente, sob a fachada da amizade:

“Se eu for jantar a casa da minha mãe, até posso levar uma amiga. Mas levo uma «amiga»... É «amiga», sempre! // Para os outros, é uma amiga minha. Quer dizer, uma amiga minha que, depois, começa a ter nome; depois, começa a ser uma frequência assídua; depois, já é a minha mãe a dizer: «Olha, anda e traz a Rosário!”  
(Margarida, 33 anos, EE).

“Os meus pais convivem com a Joana, aceitam-na bem como pessoa, é a minha amiga, com quem eu vivo. Vão lá a minha casa. // [...] a Joana visita a minha família, os meus pais e os meus irmãos” (Marisa, 37 anos, PTE).

Várias entrevistadas descrevem o relacionamento com a família de uma forma que indicia a existência de um certo grau de inclusão. Mas isso não significa que a relação amorosa seja reconhecida e/ ou aceite como tal. A maioria das entrevistadas manifesta, de facto, alguma indecisão em pronunciar-se inequivocamente quanto ao facto de os pais e irmãos “saberem” ou “não saberem” que se trata de uma relação amorosa. Geralmente, tendem a advogar que não pode não ser esse o caso, mas com hesitações:

“... sabem, mas não falam nisso e preferem que [eu] não fale! É a sensação que eu tenho. // [...] eu acho que a minha mãe sabe, mas não quer saber, portanto, para mim, isso já está aceite! // [...] acho que a família, de alguma maneira, se souber, não vai aceitar a Rosa como aceita! // «Se é uma amiga, nós podemos fechar os olhos e podemos gostar dela. Se ela tem uma relação amorosa, passa pela parte

sexual e isso é uma coisa inaceitável, pecaminosa, portanto, não queremos essa fulana aqui! Até podes vir, mas não venhas com ela!» ou «Não me fales mais disso!»”

(Marisa, 37 anos, PTE).

Algumas situações parecem apontar no sentido de os familiares terem alguma percepção do que se passa, mas mostram também que não só eles, como também as entrevistadas evitam o confronto directo, dando lugar a um “secretismo forçado” (Ponse, 1976: 63), uma padronização das relações assente na negociação tácita do fingimento mútuo através do qual o homo-erotismo das entrevistadas não é reconhecido. A interacção decorre naturalmente, sugerindo uma espécie de aceitação (idem: 64), mas essa aceitação não é testada, acabando por impedir a própria possibilidade de revelação ao tornar cada vez mais difícil romper o silêncio à medida que o tempo passa. Trata-se de uma aceitação condicional que depende de os outros não serem pressionados para além do ponto em que podem facilmente conceder a aceitação ou oferecê-la com dificuldade (Goffman, 1988), mas que, ao mesmo tempo, faz com que eles também se sintam constrangidos a não admitir que sabem aquilo que nunca foi reconhecido, erguendo-se uma barreira à intimidade.

Entre as razões apontadas pelas entrevistadas para não procederem à revelação aberta do seu homo-erotismo, encontram-se o receio da reacção dos familiares e a vontade de os proteger, de não os ferir, revelando uma certa consciência do efeito contaminador do estigma, que tende a difundir-se às relações mais próximas (Goffman, 1988: 40-41):

“...há uma coisa à qual eu não consigo voltar as costas, que é a situação em que a minha família seria colocada se [...] eu fosse apontada, discriminada, [...] e não queria, de forma alguma, fazer sofrer a minha família”

(Paula, 23 anos, EDL).

“Como é que ia ser se eles soubessem? O sofrimento que iria causar...”

(Marisa, 37 anos, PTE).

Mas estes argumentos, geralmente ligados à crença de que os familiares não seriam capazes de compreender as suas opções, não deixam de funcionar também como uma forma de autoprotecção face à depreciação que poderia recair sobre si próprias, como muitas entrevistadas reconhecem:

“...eu também penso que não lhes quero dizer... Porque se eu quiser, posso dizer, posso! Posso! Posso! Eles não me impedem! Chego a casa e digo. Mas eu acho que, por mim, eu também não quero, não é só por eles...”

(Marisa, 37 anos, PTE).

Como a verbalização é o início de uma deliberação sem retorno, muitas mulheres preferem, assim, um grau confortável de integração ao risco de um conflito, camuflado ou aberto.

### ... à revelação

O sofrimento decorrente da incompreensão familiar é particularmente temido e, quando ocorre, suscita sentimentos ambivalentes. A revelação aberta pode acarretar a estigmatização por parte daqueles em quem mais se confia e mostrar que essa confiança é mais frágil do que se pensava. Elas podem, por outras palavras, vir a descobrir que “O amor, mesmo o maternal, é uma «cosa sociale» cujo carácter incondicional é frágil” (Queiroz, 1988: 18). Como a família é entendida como um espaço de segurança ontológica essencial, a perspectiva de serem rejeitadas pelos familiares tem custos demasiado elevados (Ponse, 1976: 64; Seidman, 2004: 96-124), mostrando que são, frequentemente, as pessoas mais íntimas, aquelas face às quais há maior preocupação em esconder algo vergonhoso (Goffman, 1988). Quando, por alguma razão, a revelação se torna inevitável e quando a resposta não corresponde ao apoio que gostariam de encontrar, a sensação pode ser esmagadora:

“...senti-me a ovelha negra da família, que estava a fazer sofrer imenso a minha mãe e ela não merecia [...]. // [...] senti essa vergonha.”

(Leonor, 35 anos, EE).

“...foi quase [um] abrir a caixa de Pandora! // eu gosto muito das pessoas, preocupava-me muito com as pessoas e houve um choque muito grande [porque] pensei que isso era retribuído e, a nível familiar, eu não senti. // “Não [foi]: «Tu precisas de ajuda? Estás bem?» Não! [Foi:] «O que tu me foste fazer!...»”

(Alexandra, 37 anos, EDL).

Raramente as entrevistadas decidem, de moto próprio, revelar abertamente o seu homo-erotismo e, quando o fazem, os irmãos ou irmãs são uma escolha mais provável do que os pais. Mesmo quando estes “descobrem” ou estão na eminência de o

“descobrir” e elas têm que se confrontar com eles, poucas se lhes antecipam. São, assim, muito raros os casos em que, como aconteceu com Bárbara, se tratou de uma decisão decorrente de se ter

“...apaixonado completamente, fiquei super-feliz, mesmo, e percebi que [...] encontrei aquilo que, naquela equação de probabilidades é o móbil, sempre! // E aconteceu e, portanto, com essa consciência, eu nem hesitei! Não hesitei nem por um segundo! // Eu queria era dizer tudo e mais alguma coisa e acabar logo com aquilo, não estar agora com explicações...”

(Bárbara, 31 anos, PTE).

Nesses casos, as reacções parentais são geralmente descritas como compatíveis com a antevisão das entrevistadas de uma reacção “tolerante” ou “aceitante”, o que explica quer a preexistência de uma ponderação no sentido de contar, quer de o fazer num determinado momento. A tolerância ou aceitação antecipada não implica, todavia, que não tenham tido, ainda assim, que lidar com as reacções efectivas dos pais. Existe, no entanto, uma divergência entre os seus discursos e os das restantes entrevistadas: a ausência de sentimentos de culpa e a sensação de apoio continuado. Assim, Bárbara reconhece que os pais “tiveram que fazer a sua habituação à ideia”, nomeadamente porque, “depois, prenderam-se à coisa do não ter filhos”, mas,

“...na altura, reagiram: «Pronto! Tudo bem! Qual é o problema?» O meu pai disse logo [...] que não ficava feliz. Obviamente que não. Até ficava abanado, mas que, como eu podia imaginar, isso não tinha importância porque eles têm montes de amigos homossexuais – declaradamente! –, só que tinham que assumir essa ideia!”

(Bárbara, 31 anos, PTE).

Mais raras, ainda, são as situações em que certos indícios são não só efectivamente apreendidos pelos pais, como são estes a tomar a iniciativa de confrontar as filhas. E, por vezes, os seus receios revelam-se injustificados:

“A primeira vez que eu assumi uma relação, que comecei a viver com uma pessoa (com quem vivi durante seis anos), o meu pai, no segundo ano, disse: «Vocês vivem como um casal e eu quero que sejas feliz. Estás bem, está tudo bem?» O meu pai disse-me isso! Eu nem sabia onde é que havia de me meter!”

(Célia, 37 anos, OI).

As reacções dos irmãos, são, geralmente, encaradas com menos medo do que as dos pais. Sendo mais jovens e havendo maior intimidade entre eles e as entrevistadas

pode ser mais fácil, para estas, decidirem-se, à partida, por estratégias de integração face a eles. Além disso, as expectativas que regem a relação entre irmãos não são as mesmas que regem a relação parental. O desafio que a revelação apresenta, em termos das expectativas ligadas ao género, é menor quando uma mulher revela o seu homotismo aos irmãos do que quando o revela aos pais, justamente porque, neste caso, elas se tornam mais salientes (Markowe, 1996: 41). Finalmente, as consequências das reacções dos irmãos podem ter efeitos práticos menos danosos, nomeadamente quando as entrevistadas ainda dependem financeiramente dos pais.

As estratégias de revelação aos irmãos também diferem comparativamente às que são adoptadas com os pais. Há menos entrevistadas a adoptar estratégias indirectas com os irmãos e em muito poucos casos a revelação decorre da acção de terceiros. O uso de estratégias indirectas é comum sobretudo entre as entrevistadas cujos irmãos integram os seus grupos de pares, acompanhando o seu trajecto biográfico. Nestes casos, elas deduzem que a revelação directa é desnecessária. Essas estratégias habitualmente dão os frutos esperados, i.e., os irmãos tendem a perceber o significado dos indícios que elas deixam passar. No entanto, há casos em que as interpretações dos irmãos podem revelar-se diferente das delas:

“...eu achava, por exemplo, que o meu irmão tivesse acompanhado, mesmo sem ser preciso dizer nada, achava que o meu irmão me tinha acompanhado. // [...] era absolutamente evidente, para mim, que não era preciso chamar nomes às coisas... // E, portanto, o meu irmão apareceu, eu chamei-o e disse, olha, não é tarde, nem é cedo e disse-lhe. E ele abraçou-me e tal, mas assim... O problema é que foi pesaroso para ele! Do género: «Ainda?!... Ainda não te curaste disso?!...» Ele não disse isto, mas, no fundo, era «Ah! Ela ainda não se curou!...» // Só me espantou como é que ele podia estar tão alheado!”

(Bárbara, 31 anos, PTE).

Há também diferenças na decisão que subjaz à revelação directa aos irmãos, que obedece, geralmente, a duas considerações igualmente presentes na decisão de revelação aos amigos: a partilha de sentimentos, sobretudo dos sentimentos positivos da paixão, e a vontade de serem transparentes nas suas acções e nos seus sentimentos.

Em geral, o balanço que as entrevistadas fazem das respostas dos irmãos é menos negativo do que o que se refere às dos pais, o que traduz, provavelmente, alterações sociais e culturais mais vastas, com efeitos na socialização geracional. Assim, as descrições vão muito mais no sentido da aceitação, parcial ou plena, do que da rejeição:

“[A minha irmã] disse-me que, agora que eu já lhe tinha revelado o meu tão secreto segredo, que ela, mais uma vez, queria-me dizer que tinha sempre gostado muito de mim e que iria sempre gostar e que em nada isso [se] ia alterar”

(Margarida, 33 anos, EE).

Além disso, a decisão de revelação aos irmãos pode ter lugar quer no momento em que as entrevistadas tomam consciência do seu homo-erotismo, quer mais tarde, mas tende a ocorrer mais frequentemente na primeira situação, reforçando a ideia de que eles representam, pelas razões já enunciadas, um risco menor de rejeição. De facto, ao passo que nenhuma das entrevistadas escolheu os pais como primeiros confidentes no momento em que reconheceu o seu homo-erotismo, algumas elegeram os irmãos para esse papel.

### **Notas conclusivas**

A mais incontestável e persistente presença do Outro não está “fora” do actor. Está inscrita no seu corpo e no seu cérebro, traduz-se nas reacções emocionais que chegam a ter manifestação física e no diálogo interior que trava consigo mesmo. É, portanto, toda a ordem social incorporada que se esconde por trás dos sentimentos de vergonha, de culpa, de anormalidade, de pecado, que conduz ao silêncio auto-imposto, ao tormento interior e ao isolamento social. Estes sentimentos situam o actor fora dos limites do que é “normal”, “aceitável”, “correcto”, e fazem-se sentir de forma particularmente acutilante porque o diminuem aos seus próprios olhos. Num contexto onde a heterossexualidade é a norma, a revelação do próprio homo-erotismo é particularmente temida no caso da família, na medida em que esta constitui um espaço fundamental de segurança ontológica. Os efeitos devastadores de uma rejeição familiar contrastam, assim, com os casos em que esta não só não tem lugar, como é possível encontrar nos pais e/ ou nos irmãos um apoio fundamental para lidar com os efeitos negativos da estigmatização social. Mas a aparente raridade destes casos e a incerteza que continua a rodear a decisão de revelação ilustram bem os problemas decorrentes da dificuldade de se encontrar, sobretudo na literatura e na filmografia para crianças e adolescentes, para além das inúmeras histórias do amor de João e Maria, as histórias do amor de António e Pedro, ou de Catarina e Paula...

**Bibliografia citada:**

BRANDÃO, Ana Maria (2007), “*E se tu fosses um rapaz?*” *Homo-erotismo feminino e construção social da identidade*, tese de doutoramento em Sociologia, Braga, Universidade do Minho.

BROOTEN, Bernadette J. (1996), *Love Between Women: Early Christian responses to female homoeroticism*, Chicago, The University of Chicago Press.

BUTTON, Scott B. (2004), Identity management strategies utilized by lesbian and gay employees: A quantitative investigation, *Group & Organization Management*, 29 (4), pp. 470-494.

GIDDENS, Anthony (1997), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta.

GOFFMAN, Erving (1988), *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro, Guanabara.

MARKOWE, Laura A. (1996), *Redefining the Self: Coming out as lesbian*, s.l., Polity Press.

PONSE, Barbara (1976), Secrecy in the Lesbian World, in Carol Warren (ed.), *Sexuality: Encounters, identities, and relationships*, Beverly Hills, Sage, pp. 53-79.

QUEIROZ, J.M. (1988), La distance et le style: Note sur la socialisation des jeunes homossexuels, *Sociétés*, 17, pp. 16–18.

SEIDMAN, Steven (2004), *Beyond the Closet: The transformation of gay and lesbian life*, New York, Routledge.

STRAUSS, Anselm L. (2002), *Mirrors and Masks: The search for identity*, New Brunswick, Transaction Publishers.

TAP, Pierre (s.d.), *Identité, Identification et Représentations de Sexe: Approches pour une étude de la personnalisation de l'acteur social*, Dissertation de doctorat, Nanterre, Université de Paris.

TROIDEN, Richard (1988), *Gay and Lesbian Identity: A sociological analysis*, New York, General Hall.

WELLS, Joel W., KLINE, William B. (1998), Self-Disclosure of Homosexual Orientation, *Journal of Social Psychology*, 127 (2), pp. 191-197.